

## Resumo

O presente artigo propõe algumas discussões sobre a alfabetização, o momento mais importante na vida de um aluno. Para embasar nossa discussão nos apoiamos em autores como Luiz Carlos Cagliari, Míriam Lemle e Rubem Alves. Buscamos apontar conhecimentos básicos necessários ao educador que se propõe alfabetizar; falamos da importância da leitura não só na alfabetização, mas como instrumento de suma importância para toda a vida; problematizamos a questão da letra de forma e da letra cursiva durante o processo de alfabetização; da importância do educador conhecer o perfil do público a que se propõe alfabetizar; listamos algumas práticas educativas utilizadas nesse processo e discutimos a eficácia delas; trazemos um pouco da história no que tange a preocupação do governo quanto à erradicação do analfabetismo; problematizamos o índice de alfabetização recentemente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e finalizamos entendendo que alfabetizar não é tão simples quanto parece e por isso é uma arte.

---

\* Pedagoga com aprofundamento em Necessidades Educacionais Especiais e Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas .

---

**Palavras-chave:** Alfabetização; Leitura; Escrita.

A alfabetização é o momento mais importante pelo qual um aluno passa, porque é partir desse momento que ele passará a compreender verdadeiramente o mundo em que vivemos. Espera-se que ao final desse processo o aluno saiba ler e escrever, mas acima de tudo, compreenda e faça bom uso do que lê.

Para que o educador alcance esse objetivo, é necessário que, antes, compreenda algumas coisas muito importantes e a primeira delas é compreender o que são símbolos. Pode parecer estranho, mas se pensarmos que as letras representadas no papel em branco são símbolos dos sons da fala fica fácil explicar para o aluno o que são "os risquinhos pretos numa folha branca". (LEMLE, 2007, p. 7). Pode parecer simples, mas não é. Mas, afinal, o que são símbolos? São representações de algo, por exemplo, quando o sinal está vermelho, todos, sabemos que aquele símbolo representa a palavra "pare". Logo, todos os motoristas esperam até que o outro símbolo verde diga "siga". Apreendida a relação simbólica das letras com os sons da fala é importante mostrar aos alunos as diferenças sutis existentes em muitas letras que confundem a criança em fase de alfabetização como o "p" e o "b". Isso levará ao próximo passo que é descobrir que essas sutilezas acontecem não só na escrita, mas também na fala.

Ao final fazer, com que a criança perceba as palavras e se conscientize delas para que compreenda que é a organização delas que nos permite a escrita de um texto.

A leitura é fundamental quando se entende o que se lê, pois será a partir dela que o aluno terá um melhor desempenho nas demais disciplinas. Segundo Cagliari (1995), "a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura" (p. 148). São alunos que não compreendem o texto e, por isso, não conseguem interpretá-lo, não compreendem o enunciado dos exercícios de matemática e por consequência não conseguem resolvê-lo, ou seja, "tudo o que se ensina na escola está diretamente

ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver” (p.148).

A escrita, por sua vez, inicia-se na alfabetização com a letra de forma – que é mais fácil para a criança iniciar a aprendizagem – depois de ter domínio desse tipo de letra, são forçadas a escreverem com letra cursiva o que exige um esforço grande visto que a letra cursiva é mais elaborada e apresenta particularidades daquele que escreve. Por isso, ler algo com letra cursiva é mais difícil para a criança do que ler um texto que foi escrito com letra de forma.

Não estamos aqui dizendo que a letra cursiva não deva ser ensinada nas escolas, pelo contrário. Apenas acreditamos que o momento de introdução de uma letra diferente deve ser repensado. Seria muito mais fácil para a criança se ela aprendesse a letra cursiva depois de já ter domínio da leitura e escrita, mas infelizmente não é o que tem acontecido nas escolas.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração, pelo educador, no momento da alfabetização, é o perfil do público que ele irá alfabetizar. Crianças que têm em casa exemplos de leitores e escritores compreenderão com mais facilidade a importância e a finalidade da alfabetização e, assim, aprenderão mais facilmente. Uma vez que serão constantemente estimuladas pela família. Por outro lado, se temos na sala de aula crianças que não possuem esse exemplo, a conduta do professor deve ser diferenciada.

No primeiro caso, poderemos escolher o método que julgamos mais interessante ou mais eficaz que não teremos grandes dificuldades em alcançar os objetivos. Porém, no segundo caso, a primeira atitude do professor deve ser fazer com que os alunos percebam a utilidade e a importância da escrita.

É aqui que encontramos o grande nó na alfabetização. As práticas que são utilizadas desde o início dos tempos não conseguem cumprir esse papel de estimular o aluno.

Uma prática comum nas classes de alfabetização é o ditado de palavras soltas, sem nenhum significado e, pior ainda, quando a educadora as pronuncia de forma artificial. Pensando ajudar os alunos, ela os confunde ainda mais, pois eles nunca ouviram – nem vão ouvir – as pessoas dizendo aquelas palavras como a professora diz no momento do ditado.

Normalmente, as educadoras apresentam apenas um gênero textual aos alunos e, assim, fazem com que a riqueza da nossa língua não seja apresentada a eles.

A criança em fase de descoberta precisa ter contato com os mais variados gêneros textuais para que possa aprender a narrar, argumentar, criticar, mas sem perder a chance de conhecer a beleza de uma poesia.

Percebemos, com isso, que, no processo de alfabetização, leitura e escrita caminham juntas, porque “quem escreve, escreve para ser lido”. (CAGLIARI, 1995, p. 149).

Quem não se lembra do famoso trecho? “Eva viu a uva”. “A uva é da vovó”. O que tem de estimulante para uma criança ser alfabetizada dessa forma? O método funciona. Afinal, a maioria de nós foi alfabetizada por ele, não é esse o nosso questionamento, mas será que não podemos fazer do momento mais importante de nossa vida escolar um momento prazeroso?

Muitas educadoras, quando questionadas, dizem que preferem o método que utilizam há anos porque sabem que ele funciona. Concordo em parte com essa afirmação, afinal, segundo o dito popular, “em time que está ganhando não se mexe”. Mas será que esse time está realmente ganhando?

A alfabetização se tornou uma preocupação, em 1990, quando ocorreu a Conferência Mundial de Educação para Todos. Nessa conferência, discutiu-se sobre a importância da Educação Básica como fundamental para o desenvolvimento de uma na

ção.

Desde então, diversos programas, projetos e políticas tem sido criados na tentativa de erradicar o analfabetismo no Brasil.

Todo esse esforço fez com que a maioria da população aprendesse, ainda que precariamente, a ler e a escrever como nos mostram os dados recentemente publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referentes ao Censo Demográfico de 2010.

Segundo esses dados, 93,1% das crianças de 6 a 11 anos, residentes em Belo Horizonte, estão alfabetizadas, no entanto, sabemos bem que para considerarmos uma pessoa alfabetizada é necessário que ela saiba mais do que ler e escrever. Cagliari nos esclarece sobre isso

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (CAGLIARI, 2000, p. 150).

Assim, entendemos que alfabetizar é uma arte, e como arte não pode ser processo simplesmente mecânico, necessita também de sentimento. O professor precisa ter sensibilidade para perceber na classe os interesses e, assim fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e descobrir o desconhecido, porque como diz Rubem Alves "o pensamento é como a águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe" (2008, p. 11).

Como arte também não possui receita para dar certo. O que se sabe é o que não deve ser feito, ou seja, o que não é arte: não faça com que o escrever seja destituído de significado, não faça com que o aluno reproduza modelos e copie excessivamente, isso priva-o de pensar e criar. "Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas". (RUBEM ALVES, 2008, p. 12). No processo de formação de um indivíduo, os erros são fundamentais e eles precisam acontecer para que o aprendizado se constitua.

Como arte, desperta o que o outro tem de melhor por meio da expressão das emoções, da sua história e da sua cultura, e tem infinitas possibilidades seja no fazer, seja nos resultados alcançados. A escolha é do artista que alfabetiza e muda, para melhor, a vida dos seus alunos.

#### ABSTRACT

This article proposes some discussions on literacy, the most important moment in the life of a student. Our discussion is based on the works of Luiz Carlos Cagliari, Míriam Lemle, and Rubem Alves. We have a) showed the basic skills necessary for an educator who proposes to work with literacy; b) talked about the importance of reading not just during the literacy process, but for life; c) analyzed the use of cursive handwriting or block letters during the process; d) discussed the importance of knowing the profile of those whom the educator intends to teach; e) listed some educational practices used in this process and verified their efficiency; f) traced the Government's concern with eradicating illiteracy; g) discussed the illiteracy index published by the Brazilian Institute of Geography and Statistics – IBGE. Finally, we have concluded that working with literacy is not as easy as it looks and, therefore, it is an art.

**Keywords:** Literacy; Reading; Writing.

## Referências

ALVES, Rubem. **Os quatro pilares**: aprender, fazer, conviver, ser. Belo Horizonte: Cedic, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Língua**. 8. Ed. São Paulo: Scipione, 1995.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Ba Be Bi Bo Bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>; <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>; <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso em: ago. 2012.

LEMLE, Míriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.